



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

MARISA DOS ANJOS SILVA XAVIER

**ATENDIMENTO ESCOLAR ESPECIALIZADO, LITERATURA E CONTAÇÃO DE
HISTÓRIA: REFLETINDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO
MUNICÍPIO DE MONTEIRO - PB**

**MONTEIRO - PB
2018**

MARISA DOS ANJOS SILVA XAVIER

**ATENDIMENTO ESCOLAR ESPECIALIZADO, LITERATURA E CONTAÇÃO DE
HISTÓRIA: REFLETINDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO
MUNICÍPIO DE MONTEIRO - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras
Português, apresentado na Universidade
Estadual da Paraíba como requisito básico para
obtenção em Licenciatura Plena em Letras
Português.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Christina Gladys de
Mingareli Nogueira

**MONTEIRO - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

X3a Xavier, Marisa dos Anjos Silva.
Atendimento escolar especializado, literatura e contação de história [manuscrito] : refletindo a prática pedagógica em uma escola do município de Monteiro - PB / Marisa dos Anjos da Silva Xavier. - 2018.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Christina Gladys de Mingareli Nogueira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Educação especial. 2. Atendimento Educacional Especializado (AEE). 3. Contação de histórias . 4. Deficiência intelectual.

21. ed. CDD 371.9

MARISA DOS ANJOS SILVA XAVIER

ATENDIMENTO ESCOLAR ESPECIALIZADO, LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: refletindo a prática pedagógica em uma escola do Município de Monteiro-PB

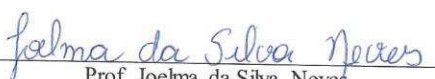
Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Português, apresentado na Universidade Estadual da Paraíba como requisito básico para obtenção em Licenciatura Plena em Letras Português.

Orientadora: Christina Gladys de Mingareli Nogueira

Aprovada em: 14/06/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Christina Gladys de Mingareli Nogueira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Joelma da Silva Neves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Danyelle Gomes da Fonseca
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha mãe pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, pois por Ele e para Ele são feitas todas as coisas. Por Ele ter pego em minhas mãos para que eu pudesse concluir este curso e preparado para mim tão grande vitória. Agradeço à minha família que é meu alicerce. à minha orientadora, Prof.^a Christina Gladys de Mingareli Nogueira, por ter aceitado o convite e fazer parte do projeto que resultou este trabalho. À Escola Estadual Miguel Santa Cruz, que possibilitou a realização desta pesquisa, e pela atenção e informações prestadas. Aos professores, que aceitaram participar desse desafio e que me acolheram atenciosamente.

“Quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele”.

Monteiro Lobato

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISA	09
2.1	Métodos	09
2.1.1	<i>Coletas de dados</i>	10
2.1.2	<i>O cenário de estudo e os sujeitos da pesquisa</i>	10
3	A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA	11
3.1	A deficiência Intelectual e o Atendimento Especializado AEE	11
3.1.1	<i>Literatura e a Contação de histórias na Prática Pedagógica</i>	14
4	LEITURA LITERÁRIA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS	19
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	21

ATENDIMENTO ESCOLAR ESPECIALIZADO, LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: REFLETINDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE MONTEIRO - PB

Marisa dos Anjos Silva Xavier ¹

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a prática de leitura literária, contação de histórias e suas contribuições para o processo de sociabilização e aprendizado, em especial do educando com Deficiência Intelectual (DI), em sala de aula. Foram observadas aulas de língua portuguesa, dando destaque aquelas onde a literatura é abordada. Também acompanhamos alguns atendimentos na sala do AEE (Atendimentos Escolar Especializado) e realizamos entrevistas com os docentes das turmas aqui mencionadas. Diante das análises teóricas é possível refletir que a prática da leitura literária e contação de histórias contribui para a formação e desenvolvimento intelectual do educando com DI. Mediante as informações coletadas conclui-se que o ensino de literatura, através de leitura e contação de história não é uma prática pedagógica consistente e cotidiana na realidade estudada, especialmente no ensino destinado aos alunos com DI. Entre os motivos apresentados pelos educadores, destacamos a defasagem na formação acadêmica, bem como a superlotação nas salas de aula, o que segundo eles, desfavorece o processo de socialização e aprendizagem. Pretendemos que este trabalho venha contribuir, não só no debate acadêmico, mas também para ampliação de práticas de leitura de textos literários. Acreditamos que a partir da dessa prática seja possível enriquecer as aulas, ampliar horizontes e as expectativas dos alunos, dando-lhes maior oportunidade de crescimento psicossocialmente.

Palavras-Chaves: Ensino. Deficiência Intelectual. Leitura e literatura.

1 INTRODUÇÃO

A leitura torna-se parte do sujeito desde o seu nascimento. Já está posto que ler contribui para a vida coletiva, na expressão de sentimentos e emoções. Quando a palavra e o pensamento se unem, o mundo passa a conhecer o sujeito. A leitura tem a possibilidade de ampliar o discurso e o pensamento, desde que as instituições sociais colaborem com a leitura constante e a expressão ativa daquele que verbaliza. De acordo com Ferreiro, “aprender a ler começa com o desenvolvimento do sentido das funções da linguagem escrita. Ler é buscar significado, e o leitor deve ter um propósito para buscar significado no texto.” (FERREIRO, 1987, p. 21).

A problemática que impulsiona a pesquisa incide sobre a educação destinada à crianças com Deficiência Intelectual (DI) nas escolas, em especial, se a prática de leitura

¹Aluno(a) de Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus VI.
Email: marisa-xavier1@hotmail.com

literária vem sendo utilizada como método pedagógico. Destacando ainda quais seriam as contribuições da leitura literária e da contação de histórias no processo de socialização das crianças. Essas questões surgiram a partir de observações preliminares, onde verifica-se que não é dada a devida atenção à leitura literária no processo de contação de histórias aos alunos, em especial aos com DI. Neste sentido, surge o interesse que o desenvolvimento desta pesquisa contribua também para a interação e mediação no desenvolvimento de práticas com crianças com DI, e assim fortalecer o relacionamento da criança com o mundo à sua volta. A relevância deste trabalho também está em destacar a importância em termos um olhar mais atento para a prática de leitura literária e contação de histórias, no que se diz respeito a tentar amenizar problemas psicológicos e sociais, buscando levar o indivíduo a construir novos significados, contribuindo para sua formação e desenvolvimento intelectual.

Pois, como afirma Mantoan, “a inclusão não prevê a utilização das práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência/ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites [...]” (MANTOAN, 2003, p.67).

Refletimos a partir das orientações teóricas e metodológicas dos documentos oficiais da educação brasileira, em especial, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), bem como de autores como Cosson (2009), Mantoan (2011), Carvalho (2010), Mendes (2006), que tem nos respaldado nas reflexões sobre o desafio das diferenças nas escolas.

De forma qualitativa, realizamos nossa pesquisa de campo em uma escola pública da rede estadual do município de Monteiro- PB. Analisamos especialmente as experiências dos professores em sala regular e professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE), espaços esses onde procuramos pensar a literatura como componente imprescindível na prática social, pois a linguagem verbal tanto voltada para escrita, quanto para oralidade representa toda a experiência do ser humano na vida social.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. Neste primeiro introduzimos nosso estudo ao leitor, fazendo ponderações a respeito da temática. O segundo capítulo, intitulado Caminhos Trilhados pela Pesquisa, baseado nos pressupostos teóricos de Gil (1999), Gohn (1987), evidencia o percurso metodológico, e identifica a realidade da escola onde foi realizada esta pesquisa. No terceiro, há uma breve explanação sobre: Deficiência Intelectual, Literatura e Contação de Histórias, com as apreciações de Mantoan (2003), Carvalho (2010), Cosson (2009). No quarto capítulo, são analisados os dados a partir das práticas realizadas por professores de português, especificamente sobre o conteúdo curricular de Literatura. O trabalho é finalizado retomando argumentos de autores para analisar os métodos utilizados

pelos docentes e suas fragilidades em aplicar em suas aulas a leitura literária. Alertamos ainda sobre a importância da leitura literária e contação de histórias para os educandos com DI, de modo a contribuir para uma prática cultural importante no processo socioeducativo.

2 CAMINHOS TRILHADOS PELA PESQUISA

Buscando analisar a temática proposta neste trabalho, a pesquisa foi realizada na Escola Miguel Santa Cruz, focando principalmente a prática no contexto de sala de aula de três professores com Licenciatura Plena em Letras - Português, que atuam com alunos nas séries finais do Ensino Fundamental II, nas quais há estudantes com deficiência intelectual. Foram realizados, além da observação, questionários com os respectivos professores. Neste sentido, o estudo visou investigar se os profissionais da instituição escolar estão utilizando a prática de leitura literária como método pedagógico, e se não estão, tentar influenciá-los a usar tal abordagem, mostrando-os os pontos positivos da mesma.

2.1 Métodos

A pesquisa foi fundamentada em métodos² de abordagem, ou seja, aqueles que são mais amplos e tratam da linha de um raciocínio lógico.

Foi aplicado o método indutivo, o qual uma lei geral é estabelecida a partir da observação e da repetição de regularidade em casos particulares, isto é, por meio de observações particulares, chega-se à afirmação de um princípio geral. Em outras palavras, a pesquisa observou o ambiente de estudos dos alunos, com a finalidade de ter conhecimento do uso da leitura literária em sala de aula. (GIL, 1999) Como dito, focalizamos nossos estudos nas salas do AEE. O segundo é o método dialético que significa discussão, forma de discutir e debater, isto é, em meio a conversas com profissionais, buscando formar uma criticidade sobre o real quadro do uso da leitura literária

Utilizamos a pesquisa de campo como fonte de obtenção de informações. Com ela foi feita a observação de aulas ministradas pelos professores, e a partir dela, uma coleta de dados através de entrevista. Estes foram analisados e interpretados, de forma que levassem o pesquisador a compreender a situação de uso da leitura literária e Contação de História.

² Método científico é o conjunto de processos ou operações mentais que se devem empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa. (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 2003).

Em relação à abordagem, a pesquisa foi qualitativa, já que os números assumiram papéis de figurantes. Neste cenário a principal peça é a qualidade. Na postura qualitativa, não se faz uso de dados estatísticos na análise do problema, o que significa dizer que “não tem a pretensão de numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas”. (GIL,1999).

Quanto aos objetivos, ela é descritiva e explicativa, pois além do pesquisador registrar e descrever os fatos observados, buscamos explicar os porquês das coisas e suas causas, por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados.

2.1.1 Coleta de dados

A coleta de dados realizou-se através de observações no período de quatro meses. Através delas buscamos descobrir as características das práticas pedagógicas e saber se nestas há presença da leitura literária como forma de ensino.

A observação apresenta algumas vantagens que fazem dela uma forma de pesquisa e uma técnica de coleta de dados, e a ela são atribuídas algumas características. São elas: independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; permite “checar”, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para causar boa impressão; permite identificar comportamentos não-intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informante não se sentem à vontade para discutir e permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial.

[...] Os comportamentos a serem observados, bem como a forma de registro, são preestabelecidos. São geralmente usadas quando o pesquisador trabalha com um quadro teórico a priori que lhe permite propor questões mais precisas, bem como identificar categorias de observação relevantes para respondê-las. Este tipo de observação é muito usado para identificar práticas que a teoria indica que são eficazes e eventualmente pode usar alguma forma de qualificação. (GIL, 1999, p. 164-165).

2.1.2 Cenário do estudo e os sujeitos da pesquisa

Escola Estadual de Ensino Fundamental Miguel Santa Cruz, localizada no centro do município de Monteiro PB. Sua parte física está dividida em 16 salas de aula com boa iluminação e espaçosas, sendo uma delas destinada ao atendimento multifuncional, uma biblioteca, um laboratório de informática, 4 banheiros femininos e 4 masculinos, uma

secretaria e uma sala para a direção escolar, uma sala reservada para professores, um pavilhão onde acontece os eventos e recreações dos alunos.

A escola conta com 610 alunos matriculados, sendo 20 destes educandos com deficiências, onde são distribuídos nos três turnos. O referido educandário também oferece aos discentes alguns programas educacionais: Primeiros Saberes da Infância, Liga Pela Paz, Novo Mais Educação, Alumbrar e Se Sabe de Repente.

O componente curricular de Língua Portuguesa da instituição observada dispõe de três professores com formação em licenciatura plena em português e inglês. Em algumas aulas o ensino de língua materna é dividido em gramática, redação e literatura, os professores contam com livros didáticos, muitos usados na escola. A biblioteca conta ainda com dicionários de autores variados. Possui computadores, projetores e caixa de som para fins didáticos.

Nos horários matutino e vespertino, conta com as salas das series finais do ensino fundamental II. São elas: 9º ano A; B e C, estando nelas educando com DI, onde realizamos as investigações.

3 A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

3.1 A Deficiência Intelectual e Atendimento Especializado do AEE

As pessoas com deficiência, por muito tempo foram excluídos do contexto social, sendo considerados indivíduos inferiores. Na antiguidade as famílias desprezavam e, até mesmo, tiravam a vida dos bebês, antes mesmo de serem vistos por todos (MENDES, 2006). A partir do século XVI e XVII, alguns tipos de deficientes mentais eram enclausurados em manicômios e outros eram submetidos a rituais de exorcismo, devido às crenças religiosas. Acreditava-se que as deficiências estavam relacionadas à espíritos malignos ou como consequência de pecados cometidos pelos pais. A partir do processo de luta, desenvolvido pelos movimentos sociais e pelos familiares dos indivíduos com deficiência, a sociedade começa a repensar esses conceitos, e surge um longo empenho pela pretensão dos direitos e reconhecimento social.

O termo deficiência intelectual foi utilizado a partir do século XX, sendo um conceito construído e empregado para classificar, denominar e conceituar aqueles que possuíam um problema no seu desenvolvimento mental, na área cognitiva, que influenciava na sua autonomia e independência e na sua adaptação ao meio social. (PROJETO ESCOLA VIVA, p.13).

Segundo Carvalho (2010), pessoas com deficiência apresentam avanços, pois deslocam a deficiência do indivíduo em si para a relação e interação com a atitude do ambiente, elementos esses que podem dificultar ou facilitar a participação social, considerando os fatores contextuais externos aos indivíduos com barreiras ou agentes facilitadores que possam provocar ou não a experiência com o da deficiência.

Não é apenas na escola que se produz e reproduz o conhecimento, mas é nela que esse saber aparece sistematizado e codificado. Ela é um espaço social privilegiado onde se definem a ação institucional pedagógica e a prática e vivência dos direitos humanos [...]. (PNEDH, 2006, p.23).

Para compreender o surgimento desse processo de ensino, vale apenas ressaltar que nos meados do século XVI, alguns médicos e pedagogos acharam por bem separar do convívio social os até então “ineducáveis”, e interná-los em asilos e manicômios, mas o governo percebeu que os gastos exorbitantes afetavam a economia. A partir daí, já no século XIX, foram implantados as classes especiais nas escolas regulares. Discorre Mendes (2006):

[...] o acesso à educação para portadores de deficiências vai sendo muito lentamente conquistada, na medida em que se ampliaram as oportunidades educacionais para a população em geral [...]. (MENDES 2006, p. 387).

No ano de 2003 foi implantado o Atendimento Educacional Especializado (AEE) com o propósito de promover o atendimento complementar à escola comum e à inclusão efetiva de seus alunos, buscando assim, desenvolver capacidades de conhecimento que poderá levar o aluno a leitura, a escrita e a quantificação, sem o compromisso de sistematização como é o objetivo do ensino regular. Nele o professor é voltado para o aluno com deficiência intelectual, sendo designado para realizações de ações específicas sobre o procedimento de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. O AEE efetua particularmente na sala multifuncional.

Art. 2º O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos, acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem. (DCNEB, 2013 P.302).

O Processo de construção de conhecimento no Atendimento Educacional Especializado não é ordenado e não é possível ser planejado sistematicamente, obedecendo uma sequência rígida. É um processo maleável onde o principal objetivo é a socialização desses alunos e, a partir disso, começar a desenvolver um sistema cognitivo e de compreensão como outro, para que ele possa estar envolvido e interagindo tranquilamente no espaço

escolar Esse espaço físico da escola permite que o aluno enriqueça seu processo de desenvolvimento e ofereça-lhe o maior número possível de alternativas para o envolvimento comum na sociedade.

Art. 4º Para fins destas Diretrizes, consideram-se público-alvo do AEE: I Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial. II Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometido nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtornos desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação. (DCNEB, 2013 p.302).

Na sala do AEE, o professor exerce um papel importante nas necessidades específicas desses alunos na sala de aula do ensino regular, centrando as atitudes do aluno diante da aprendizagem e assim, exercitando sua atividade cognitiva que é estimulada pela intervenção desse professor. O professor do AEE não é substituto do professor da sala regular, seu trabalho é ajudar o aluno com DI a proceder no ambiente escolar e fora dele, considerando suas peculiaridades cognitivas.

Conforme as Diretrizes, para o funcionamento do AEE, são exigidas as seguintes condições:

- Matrícula na classe comum e na sala de recursos multifuncionais da mesma escola pública;
- Matrícula na classe comum e na sala de recursos multifuncional de outra escola pública;
- Matrícula na classe comum e em centro de atendimento educacional especializado público;
- Matrícula na classe comum e no centro de atendimento educacional especializado privado sem fins lucrativos.

Conforme diz Carvalho,

A proposta de educação inclusiva traduz uma aspiração antiga, se devidamente compreendida como educação de boa qualidade para todos e com todos buscando-se meios e modos de remover as barreiras para a aprendizagem e para a participação dos aprendizes, indistintamente. (CARVALHO, 2010, p.65).

As salas de recursos multifuncionais são espaços localizados nas escolas de educação básica, onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado – AEE. Essas salas são organizadas com recursos de acessibilidade, materiais didáticos e pedagógicos e equipamentos específicos para o atendimento aos alunos da educação especial, em turno contrário à escolarização.

De acordo com Ropoli, “O ministério da educação, com o objetivo de apoiar as redes públicas de ensino na organização e na oferta do AEE e contribuir para o processo de inclusão

educacional nas classes comuns de ensino, instituiu o programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais, por meio da portaria Nº. 13, de 24 de Abril de 2007”. (ROPOLI, 2010, p.31). A “[...] inclusão significa preservar os direitos dos alunos de frequentar as escolas comuns e atender às necessidades específicas para que cada aluno alcance seu pleno desenvolvimento [...]”. (MANTOAN 2011, p. 121).

3. 1. 1 Literatura e a Contação de Histórias na prática pedagógica

As primeiras manifestações literárias se deram na era medieval onde trovadores e cancioneiros, ou até mesmo trabalhadores, se reuniam em volta das fogueiras para contar casos populares e canções após um dia de exaustão. Depois, na antiguidade romana, eram transmitidos ao público através de um contador de histórias, também chamado de Bardo (poeta). Etimologicamente, o termo literatura tem origem do latim: “literatura”, littera = letra, escrita. Acabou que, no século XVI, uniu sua terminologia à sua prática, designando a cultura de um povo letrado que, assim sendo, diferencia as classes sociais.

Hoje fala-se em literatura como uma forma de conhecimento sociável, já que ela reflete por meio das emoções, o que é produto da intervenção humana, proporcionando um deleitamento num fim em si mesma. De acordo com Cosson, se materializa através de uma multiplicidade de formas e temas que “[...] sendo menos língua, no sentido de um sistema gramatical determinado, e mais linguagem, compreendida como a competência de fazer o mundo com palavras, a literatura não tem outro limite que a própria capacidade humana de significar.” (COSSON, 2009, p.49). Também, conforme delineado por Carvalho, a literatura perpassa os limites da sala de aula, levando o aluno a aprimorar seus conhecimentos.

[...] os conceitos de educação existentes na literatura dizem respeito à espécie humana e a caracterizam como processo integral no qual o homem, em interação com a cultura em que vive, desenvolve-se globalmente (isto é, nos aspectos físicos, motores, psicomotores, intelectuais, afetivos e políticos sociais). (CARVALHO, 2010, p. 66).

Segundo os PCNS (2001), a prática de escuta de textos orais possibilita a admissão da linguagem, fazendo assim com que o indivíduo se introduza no contexto social. “Ensinar a língua oral deve significar para a escola possibilitar acessos ao uso de linguagens mais formalizadas e convencionais [...]”. (PCN, 2001, P-67). Também é importante mencionar que a literatura nos leva à um mundo interior onde podemos ligar o real ao irreal, manifestando internas emoções, onde levará o leitor a um aprendizado intenso e prazeroso. Como salienta Carvalho. (2010, p.53).

O imaginário é composto por um conjunto de relações imagéticas produzidas em nossos contatos cotidianos. Estou me referindo à produção de imagens a partir de experiências perceptivas que temos do mundo que nos cerca. (CARVALHO, 2010, p.53).

A compreensão do significado e do sentido da literatura como forma de conhecimento nos faz perceber a expressão do mundo, fazendo-nos experimentar o âmago das emoções, podendo através dela construir nossa consciência crítica, impactando a vida em sua transformação histórica e cultural.

Neste sentido, a leitura de histórias é um contato primordial com textos escritos. Segundo Goodman, histórias são um modo de criação de uma imagem mental, enquanto desenhos representam imagens no papel. É possível, a partir de um desenho, construir uma história. Sendo assim, o processo é um ciclo completo. (GOODMAN, 1995, p.103).

Diante do exposto, sondaremos como os professores vêm norteando suas práticas nas salas de aula no componente curricular português, especificamente de literatura, onde se encontra alunos com DI, e como essa repercussão tem auxiliado no melhoramento cognitivo dos alunos. Para isto levamos o tema desta pesquisa aos professores da sala regular e perguntamos qual a expectativa para esse processo.

4 LEITURA LITERATURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: desafios da educação especial

A partir das observações feitas, bem como das entrevista realizadas foi selecionada a seguinte indagação: Como você trabalha literatura nas suas aulas de Português? Passaremos agora a refletir sobre da realidade estudada:

Sala A: professor (A), 23 anos = Esta profissional é muito habilidosa, tem preferência em trabalhar gramática, pois para ela é mais produtivo, em relação a literatura. Diz que, particularmente, a fascina, mas é muito difícil trabalhar por conta do número de alunos. Espera conseguir nos próximos anos trabalhar mais esse conteúdo, já que com a turma da EJA trabalha com naturalidade.

O ensino de literatura nas turmas que leciono língua portuguesa abrange desde a leitura de contos, crônicas, poemas, romances, relatos de viagens a representações mímicas, esculturas, pinturas e músicas. São diversos os métodos de se levar literatura para a sala de aula, a começar pelo próprio cotidiano dos discentes, colocado em análise.

Sala B: professor (B) 22 anos = Embora jovem, e dinâmico, usa métodos inovadores, suas aulas são bem animadas, mas, infelizmente, diz que não trabalha a literatura da forma que almeja. Espera um dia relacionar as aulas de literatura com a arte dramática.

São poucas as aulas. Peco em relação a isso, apenas por conta do número de alunos, por que ao trazer uma literatura que se “encaixe” com a turma, deixo de ter cuidado com a forma de passar a mesma literatura para o aluno especial.

Sala C: professor (C) 60 anos = a professora se mantém tradicionalista, embora tenha tentado inovar, mas diz que as condições em sala são precárias por conta do número de alunos, e que em tantos anos lecionando nunca teve um alunado tão difícil. Por isso prefere manter o método tradicional.

Através de leituras, explanação do assunto, interpretação de imagens, poemas, literatura de cordel, gêneros textuais, atividades extraclasse.

As falas apresentadas, bem como as observações, demonstram que apesar de concernir a grade curricular, há uma grande dificuldade na prática do ensino de literatura nas aulas de português. Com isso o aluno vem sendo prejudicado, visto que os textos literários expostos em sala de aula não tem despertado uma motivação da parte dos leitores das turmas observadas. A maioria das aulas de português das quais estes alunos fazem parte não é ofertada uma experiência com o texto, onde esses possam ser estimulados no prazer da prática de uma leitura que resulte em reflexões sobre o seu cotidiano escolar e social.

É sabedor que em nosso país o número de alunos em sala de aula tem aumentado gradativamente e é reconhecível que, para o docente, é exaustivo. As falas demonstram a preocupação dos professores por enfrentarem essa situação em que não foram preparados. Destacam que na formação acadêmica ainda não existe uma grade curricular destinada a trabalhar especialmente com alunos com deficiências intelectuais.

Sim! O grande desafio é desenvolver um trabalho que envolva toda a turma, uma vez que, cada aluno possui uma necessidade específica, seja este portador de deficiência ou não. A atenção terá que ser dada a todos de uma forma particular. Ser capaz de envolver todos no aprendizado é um grande desafio. Sou formada em língua portuguesa e durante o período de graduação não nos foi dado orientações para o trabalho com alunos portadores de DI. Apenas o ensino de Libras nos foi oferecido. (PROFESSORA= A)

Neste mesmo sentido, a autora Mantoan (2003) acrescenta que: “Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula; especialmente atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se

distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos.” (MANTOAN, 2003, p.21).

Acerca das estratégias e metodologias para as aulas com alunos DI, observamos que não foram bem sucedidas, pois como já mencionado, os docentes argumentaram serem despreparados.

De acordo com Goodman (1995), as salas de aula precisam refletir os ricos ambientes alfabetizadores, nos quais as crianças estão mergulhadas fora da escola. A criança pode experimentar o imaginário e estabelecer seus próprios parâmetros segundo a sua realidade.

Evidenciamos que apesar do que foi observado na pesquisa, a prática literária é significativa para todos, especialmente para os alunos com DI. Esta ainda poderá ser feita de modo prazeroso e que a partir dela os alunos possam ampliar a sua vida escolar e social. Deste modo, a aptidão do professor em desenvolver este trabalho, fazendo assim uma prática constante em seu proceder pedagógico, torna-se urgente.

Sandroni e Machado (1991, p.16) nos alertam que “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”, é necessário contribuir para a criança descobrir o que eles, os livros, podem oferecer. Neste sentido, pais e educadores têm um papel primordial nesta descoberta: serem estimuladores e incentivadores da leitura. Desta forma, podemos acrescentar que o desenvolvimento da criança e a curiosidade pela leitura está intrinsecamente ligado aos incentivos e aos modelos de educação a que são submetidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos compreender as práticas docentes nas aulas de português com o conteúdo curricular leitura literária e contação de história, nas séries finais do ensino fundamental II, onde se encontram alunos com DI. A relevância do trabalho consiste na necessidade de pensar a prática de leitura como um recurso a ser desenvolvido nas escolas, especialmente aos educandos com DI, sendo este conteúdo pontuado nas diretrizes curriculares.

Assim, buscamos desenvolver um trabalho traçado em subsídios teóricos e metodológicos, que nos apoiasse nas práticas escolhidas e desse, por assim perceber, o devido valor à literatura. Configurou-se como uma ação importante, não somente para a formação do leitor, como também para nossa formação docente.

O contexto aqui analisado se construiu a partir de observações em sala de aula, juntamente com entrevistas com os docentes das turmas aqui mencionadas. Conclui-se que o

ensino de literatura através de leitura e contação de história não é uma prática pedagógica consistente e cotidiana na realidade estudada, especialmente no ensino destinado aos alunos com Deficiência Intelectual. Entre os motivos apresentados pelos educadores, destacamos a defasagem na formação acadêmica, bem como a superlotação nas salas de aula, o que segundo eles, desfavorece o processo de socialização e aprendizagem de alunos com DI.

Pretendemos que este trabalho venha contribuir, não só no debate acadêmico, mas também para ampliação de práticas de leitura de textos literários. Acreditamos que a partir da dessa prática seja possível enriquecer as aulas, ampliar horizontes e as expectativas dos alunos, dando-lhes a oportunidade de crescer psicossocialmente, possibilitando assim, uma formação além dos limites da escola, instruindo um ser capaz de perceber e agir conforme seu meio social.

SPECIALIZED SCHOOL ATTENDANCE, LITERATURE AND STORYTELLING:
REFLECTING THE PEDAGOGICAL PRACTICE IN A SCHOOL OF THE
MUNICIPALITY OF MONTEIRO-PB

ABSTRACT

This work aims to reflect on the practice of literary reading, storytelling and its contributions to the process of socialization and learning, especially the student with Intellectual Disability (ID), in the classroom. Portuguese language classes were observed, highlighting those where the literature is approached. We also followed up some appointments in the SSA (Specialized School Attendance) room and conducted interviews with the teachers of the classes mentioned here. Regarding the theoretical analyzes it is possible to reflect that the practice of literary reading and storytelling contributes to the intellectual formation and development of the student with ID. Based on the information collected, it is concluded that the teaching of literature through reading and storytelling is not a consistent and everyday pedagogical practice in the reality studied, especially in the teaching destined to students with ID. Among the reasons presented by the educators, we highlight the lack of academic training as well as the overcrowding in the classrooms, which according to them, undermines the process of socialization and learning. We hope that this work will contribute not only to academic debate, but also to broadening the practice of reading literary texts. We believe that from this practice it is possible to enrich classes, broaden horizons and students' expectations, giving them greater opportunity for psychosocial growth.

Keywords: Teaching, Intellectual Disability, Reading and Literary

REFERÊNCIAS

BRASIL/MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**: Brasília: MEC, SEB, DICELE, 2013.

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa/Ministério da Educação. Secretária da Educação Fundamental – 3º ed.- Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL/MEC. **Projeto Escola Viva Cartilha I**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, 2000.

BRASIL, **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília: Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos – Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.

CATARINA, Mirtes Bampi Santa; HOLLERGER, Silvana. A Importância da família na aprendizagem da criança especial. Vol. 09 – Nº 19, P. 11, Erechim, RS, 2014.

CARVALHO, RositaEdler. **Educação Inclusiva: Com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRO, Emilia. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. A pesquisa das ciências sociais; considerações metodológicas. In: **Pesquisa participante em educação**. Caderno CEDES. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 5ª ed, 1999.

GOODMAN, Yetta M. Como as crianças constroem a leitura e a escrita. Ed.Artes Médicas – Porto Alegre / RS, 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O Desafio das diferenças nas escolas**: 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. MENDES, Enicéia Gonçalves. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil**. Vol. 11-Nº 33, P. 387, Set/Dez 2006.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **Coleção A Educação Especial na Perspectiva da inclusão Escolar.** Vol.1. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, (Fortaleza): Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANDRONI, Laura, MACHADO, Luiz. **A criança e o livro.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

- 1- Qual a sua idade?
- 2- Quanto tempo atua na área educacional?
- 3- Como o Sr. (Sr.^a) define deficiência Intelectual?
- 4- Qual foi sua primeira impressão ao saber que estaria ensinando a um aluno com DI?
- 5- Há alguma dificuldade?
Se sim, qual a maior dificuldade?
- 6- Em relação a sua formação acadêmica, ela foi suficiente para esse tipo de atuação? O que poderia ter sido melhor?
- 7- O que você acha que poderia ser melhorado no sistema de ensino destinado ao educando com DI?
- 8- Você acha que a literatura pode contribuir no processo de desenvolvimento intelectual? Por quê?
- 9- Como você trabalha literatura nas suas aulas de português?
- 10- No caso de alunos que não sabem ler, como você transmite o conteúdo?
- 11- O que você pensa sobre Contação de Histórias? Já utilizou em suas aulas?
- 12- A partir de suas experiências, quais sugestões você teria para o ensino aprendizagem de educando com DI?